

Do Espírito aos frutos: IURD, pós-pentecostalismo e o deslocamento da experiência carismática para a subjetividade religiosa

From the Spirit to the Fruits: The Universal Church of the Kingdom of God, Post-Pentecostalism, and the Shift from Charismatic Experience to Religious Subjectivity

Lucivaldo Ferreira Matos
Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Brasil

Resumo

Este artigo analisa o conceito de pós-pentecostalismo a partir do caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), abordando suas transformações teológicas e seus deslocamentos em relação ao pentecostalismo clássico. A partir das contribuições de Siepierski (1997), Passos e Rocha (2012), Mendonça (2006) e Maciel (2023), discute-se a pertinência do enquadramento da IURD como uma denominação pós-pentecostal. Ao centrar a análise nas mudanças ocorridas na compreensão da glossolalia como evidência do batismo com o Espírito Santo, evidenciam-se os movimentos internos de adaptação da IURD, que vão desde a valorização dos dons espirituais até uma ênfase na subjetividade e na convicção íntima como sinal do batismo. O trabalho busca compreender como essas transformações se inserem em uma teologia funcionalista, influenciada pela teologia da prosperidade e culminando na emergência da teologia coaching. A análise demonstra como essas mudanças refletem um deslocamento da ênfase no corpo e nas manifestações externas para uma vivência subjetiva e individualizada da fé, caracterizando novas formas de corporeidade religiosa na contemporaneidade.

Palavras-chave

Espiritualidade contemporânea.
Pentecostalismo brasileiro.
Batismo com o Espírito Santo.
Teologia da prosperidade.
Teologia *coaching*.

Abstract

This article analyzes the concept of post-Pentecostalism through the case of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), addressing its theological transformations and shifts in relation to classical Pentecostalism. Drawing on the contributions of Siepierski (1997), Passos and Rocha (2012), Mendonça (2006), and Maciel (2023), it discusses the relevance of classifying the UCKG as a post-Pentecostal denomination. Focusing on the changing understanding of glossolalia as evidence of the baptism with the Holy Spirit, the study highlights the church's internal processes of adaptation—ranging from the valorization of spiritual gifts to an emphasis on subjectivity and inner conviction as signs of baptism. The paper seeks to understand how these changes fit within a functionalist theology influenced by prosperity theology and culminating in the emergence of coaching theology. The analysis demonstrates how such transformations reflect a shift from bodily and external manifestations to a subjective and individualized experience of faith, shaping new forms of religious corporeality in contemporary times.

Keywords

Contemporary spirituality.
Brazilian Pentecostalism.
Baptism with the Holy Spirit.
Prosperity theology.
Coaching theology.

Introdução

As transformações no campo religioso evangélico nas últimas décadas têm provocado debates significativos sobre a permanência e as rupturas dentro do pentecostalismo. Um dos conceitos emergentes nesse cenário é o de pós-pentecostalismo, que busca nomear uma nova etapa teológica e prática que se distancia dos fundamentos do pentecostalismo clássico. Entre os principais teóricos do conceito, Paulo Siepierski (1997) propõe uma nova tipologia para compreender igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), apontando características que a diferenciam do modelo tradicional e a situam como expressão de uma teologia pós-pentecostal.

Este artigo propõe uma reflexão sobre a aplicabilidade desse conceito ao caso da IURD, considerando as transformações ocorridas em sua teologia do Espírito Santo desde sua fundação até os dias atuais. A análise parte do pressuposto de que as mudanças na compreensão do batismo com o Espírito Santo (da glossolalia à subjetividade) são centrais para entender o deslocamento do pentecostalismo iurdiano rumo a uma espiritualidade funcional e adaptada às exigências da sociedade contemporânea. A pesquisa considera ainda as tensões entre ruptura e continuidade dentro da IURD e suas

implicações para a emergência de uma teologia *coaching*, derivada da teologia da prosperidade, que reposiciona a experiência religiosa em termos de eficácia pessoal, realização individual e superação de obstáculos.

Debate conceitual sobre pentecostalismo e pós-pentecostalismo

O conceito de “pós-pentecostalismo” é usado para descrever uma fase mais recente dentro do movimento pentecostal e evangélico, que marca uma transição e um distanciamento em relação às características tradicionais das ondas pentecostais anteriores (primeira, segunda e terceira). Esse conceito tem gerado debates acadêmicos interessantes, pois reflete as adaptações do pentecostalismo ao contexto contemporâneo e sugere uma transformação das práticas religiosas de modo que atendam às demandas modernas.

Paulo Siepierski (1997) engendra o conceito a partir de suas observações acerca da chamada terceira onda do pentecostalismo¹. Segundo o autor:

Para compreender as implicações desse crescimento fenomenal [das igrejas de terceira onda] é necessário observar que ele está concentrado em um segmento – do qual a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Renascer e as “comunidades” são as melhores representantes - cujas características peculiares distinguem-no claramente, distanciando-o dos demais. Esse distanciamento exige que as generalizações sejam revistas. Por isso faz-se necessária uma nova tipologia do pentecostalismo brasileiro (Siepierski, 1997, p. 49).

Essa nova tipologia² acomodaria a IURD no estágio final dessa “longa duração”. Não como um novo (*neo*) pentecostalismo, mas como um pós-pentecostalismo:

Assim o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular, a utilização autoconsciente de estilos e convenções anteriores, a construção de estruturas comerciais, o abandono dos sinais

¹ Na época, o artigo já previa que a religião seria “decisiva por muito tempo na vida social e política brasileira” (Siepierski, 1997, p. 47).

² Embora o autor deixe claro que “a rigor não é uma tipologia, mas uma genealogia” (Siepierski, 1997, p. 49).

externos de santidade e frequentemente a incorporação de imagens relacionadas com o consumismo e a comunicação de massa da sociedade pós-industrial do final do século 20 (Siepierski, 1997, p. 51).

Para o Siepierski (1997), portanto, o pós-pentecostalismo se distancia dos fundamentos evangélicos e do pentecostalismo clássico, que são caracterizados pela centralidade de Cristo (cristocentricidade), o foco na Bíblia (biblicismo) e a união entre fé e ética. No pós-pentecostalismo, esses elementos são menos evidentes, sinalizando um afastamento teológico que coloca o movimento fora das diretrizes tradicionais do protestantismo:

Apesar da ideia de ruptura, o início das transformações do pentecostalismo dá-se com uma mudança da ênfase de sua mensagem: uma passagem da ênfase numa escatologia pré-milenarista, que apontava a proximidade do fim, para a pregação da cura divina como intervenção direta do sobrenatural que traria melhoria na qualidade de vida na terra. Tal mudança teria ocorrido com o advento do que Freston denominou de segunda onda pentecostal, que tem como principal expoente a Igreja do Evangelho Quadrangular. Esta mudança abriria as portas para as novas mensagens teológicas que marcam o pós-pentecostalismo (Passos; Rocha, 2012, p. 274).

O pós-pentecostalismo passa então a adotar uma "escatologia realizada" ou pós-milenarista, que promove a ideia de que o Reino de Deus já pode ser experimentado na terra, especialmente por meio de melhorias na vida material e na saúde (teologia da prosperidade e cura divina). É com isso em mente que Siepierski (1997) questiona o termo neopentecostalismo:

Ora, se o neoclássico é "neo" por não diferir significativamente do clássico, por que neopentecostalismo se ele difere sobremaneira do pentecostalismo que o precedeu? Ademais, tradicionalmente o prefixo "neo" tem sido relacionado com continuidade e não com ruptura. É por isso que em outros lugares "neopentecostalismo" é utilizado para indicar a renovação carismática ocorrida no seio das denominações protestantes, pois ela não diferiu significativamente do pentecostalismo anterior (Siepierski, 1997, p. 51).

Mas, como aponta o próprio título do artigo, o foco principal é a relação desse pós-pentecostalismo com a política brasileira e, acerca do

tema, Siepierski defende que essa incursão é justificada teologicamente. A entrada na política do pós-pentecostalismo iria além de uma simples questão de poder institucional ou de defesa dos interesses das lideranças religiosas: estaria ligada às novas crenças, como a teologia da prosperidade e a batalha espiritual. O objetivo declarado dessas igrejas é estabelecer uma “nova cristandade” por meio da política (Siepierski, 1997, p. 51). Acredita-se que, ao ocupar cargos públicos, os candidatos fiéis seriam capazes de “neutralizar as ações dos demônios” que causariam problemas sociais, como pobreza e corrupção, trazendo assim saúde e prosperidade para a nação. Não há incentivo à mobilização popular ou à conscientização social. O papel do fiel é simplesmente votar nos candidatos que a igreja “unge” como representantes do “povo de Deus” (Siepierski, 1997, p. 54).

Ao propor uma nova interpretação para a teoria de Siepierski (1997), Passos e Rocha (2012) defendem a ideia de que o pós-pentecostalismo pode não ser apenas uma categoria limitada a algumas denominações pentecostais específicas, mas sim um fenômeno mais amplo, um “espírito” ou estilo de religiosidade que se espalha pelo campo religioso brasileiro, influenciando tanto igrejas pentecostais quanto igrejas tradicionais, incluindo até mesmo a Igreja Católica:

Talvez o pós-pentecostalismo, que, segundo Siepierski, rompeu com sua herança protestante e com o pentecostalismo clássico, não “peça” mais por uma delimitação teórica e uma circunscrição a determinadas denominações cristãs. Sua influência dentro do campo religioso cristão brasileiro pode apontar no caminho de consensos, onde as doutrinas, que antes o distinguiam, possam vir a se tornar compartilhadas pelas demais igrejas pentecostais (Passos; Rocha, 2012, p. 277).

Antônio Gouvêa Mendonça (2006) orienta-se na mesma trilha. Ao chamar essas igrejas de “religiões de estilo pós-moderno imediatista”, Mendonça sugere que o pós-pentecostalismo reflete valores da pós-modernidade, como a busca por respostas imediatas e práticas diretas, aplicáveis ao cotidiano. Assim, o que vemos como “pós-pentecostalismo” seria menos uma coleção de doutrinas de igrejas específicas e mais um reflexo de

uma mentalidade pós-moderna que valoriza o imediatismo, presente em quase todo o universo religioso atual (Mendonça, 2006, p. 91).

No entanto, em trabalho recente, Moisés Brasil Maciel (2023) oferece uma visão que desafia essa interpretação ampla ao analisar o caso específico da IURD. Como aventado acima, Siepierski (1997) categoriza a IURD como uma denominação pós-pentecostal, fundamentando-se em características observáveis dentro do movimento liderado por Edir Macedo. Segundo Maciel (2023), a IURD, embora se desloque de um pentecostalismo tradicional ao incorporar práticas do neopentecostalismo, preserva elementos essenciais do pentecostalismo original, como a ênfase no batismo com o Espírito Santo e na manifestação de dons espirituais:

É na pneumatologia que está o cerne da teologia pentecostal e suas derivações. Nas demais disciplinas sistemáticas como teontologia, cristologia, soteriologia e outras há uma grande semelhança com os demais segmentos do protestantismo. Mas, na pneumatologia há a saliência pentecostal enfatizando a obra do Espírito Santo (Maciel, 2023, p. 194).

De fato, no início de sua história, seguindo por caminhos já trilhados antes dela, a IURD dava bastante ênfase aos chamados dons do Espírito Santo. Em seu primeiro livro, *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios*, de 1980, já citado anteriormente, Macedo destaca a importância desses dons na vida do cristão. Ele argumenta que “os dons espirituais concedidos ao cristão devem levá-lo a dar os frutos do Espírito”, ressaltando assim a necessidade de que esses dons se traduzam em ações concretas e positivas na vida dos fiéis (Macedo, 1980, p. 108). Em outro trecho, argumentado acerca da relação entre a presença do Espírito Santo e a possibilidade de possessão demoníaca, Macedo (1980, p. 111) diz:

As Escrituras Sagradas não têm base para fortalecer a opinião de que uma pessoa batizada no Espírito Santo venha a ficar endemoninhada. Quando uma pessoa tem a plenitude do Espírito Santo, é selada por Deus, e uma vez selada, nenhum demônio poderá entrar na sua vida e habitar o seu corpo. A Bíblia afirma que somos templos do Espírito Santo e sendo assim, por certo, o Espírito Santo não aceitará dividir a Sua morada com nenhum espírito demoníaco.

Nessa obra, Edir Macedo apresenta a glossolalia - ou "falar em línguas" - como uma das manifestações centrais e visíveis do batismo com o Espírito Santo, afirmando que esta experiência é um sinal concreto do enchimento espiritual. Logo no início de um capítulo intitulado Como receber o Espírito Santo, Macedo enfatiza que "a maior dádiva de Jesus Cristo aos seus seguidores foi a poderosa infusão do Espírito Santo" e que aqueles que desejam receber essa bênção devem estar preparados para o ato de "falar em línguas" (Macedo, 1980, p. 112).

Macedo ilustra a importância deste sinal ao remeter-se à narrativa de Atos dos Apóstolos, em que os seguidores de Jesus "passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem" (Atos 2:4). Ele interpreta este ato como um fenômeno extraordinário que, embora ocorra através da vocalização humana, é impulsionado pelo poder divino: "É o Espírito, porém, quem lhe concede". Essa prática, segundo ele, transcende a fala convencional, exigindo uma abertura espiritual que permita ao indivíduo ser um canal de manifestação do Espírito Santo, o que leva à plenitude da alegria e da paz na experiência espiritual (Macedo, 1980, p. 113).

Além disso, Macedo adverte contra a busca do Espírito Santo por mero exibicionismo, mencionando situações em que os "demônios que se faziam passar pelo Espírito Santo" tomaram a cena em pessoas não preparadas para tal experiência (Macedo, 1980, p. 113). Para ele, o "falar em línguas" deve surgir de uma entrega genuína e desinteressada, orientada pela fé e guiada pelo Espírito, sem a interferência de tradições ou preceitos religiosos externos. Ele assegura: "Descanse no Senhor! [...] ao obedecer à infusão do Espírito Santo, terá sua alma inundada de grande alegria" (Macedo, 1980, p. 114).

Em outro livro, *Nos Passos de Jesus*, cuja primeira edição data de 1986, Edir Macedo descreve o "falar em línguas" como uma das principais manifestações desse batismo, confirmando a presença divina ao ponto de transformar a fala de quem o recebe. Macedo instrui que, ao estar próximo do batismo, o fiel experimenta uma alegria intensa, e "seu linguajar passará a ser bem diferente. Você não entenderá nada; mesmo assim, continuará a falar

estranhamente e não sentirá vontade de parar mais. Você estará selado e batizado com o Espírito Santo!” (Macedo, 1986, p. 234).

Nesta obra, Macedo desmistifica a prática, explicando que “falar em línguas” não é um fenômeno inusitado ou incomum, mas sim o próprio Espírito comunicando-se de forma sobrenatural através do fiel: “Se você precisasse pensar nas palavras que iria dizer, nada haveria nisto de sobrenatural. No entanto, é o Espírito que as concede.” (Macedo, 1986, p. 237). Ele orienta que a pessoa não deve hesitar diante da mudança na fala, mesmo que as palavras soem “estranhas” ou “como as de uma criança aprendendo a falar”, pois o “falar em línguas” é “um passo importante para que o cristão verdadeiro alcance a plenitude em sua vida de comunhão com Deus” (Macedo, 1986, p. 242).

Com essas afirmações, que consequentemente orientavam as primeiras pregações na IURD, Macedo reforça a ideia de que a glossolalia é uma evidência do batismo com o Espírito Santo, que ocorre de forma espontânea, movida pela fé, e orienta que os fiéis relaxem e deixem as palavras fluírem de forma não racionalizada. Isso indica que, para ele, essa prática é uma prova visível ou audível do recebimento do Espírito Santo.

Em outros termos: aceitando-se a premissa de Maciel (2023), de que o cerne da teologia pentecostal é a pneumatologia³, não há que se falar em pós-pentecostalismo nos primeiros anos da IURD.

No entanto, nem sempre esse foi o entendimento professado pela instituição nas palavras de seu fundador. Assim como os sincretismos com as religiões afro-brasileiras e o judaísmo, a compressão da glossolalia como evidência do batismo com o Espírito Santo variou ao longo do tempo. A IURD, enquanto sujeito histórico⁴, passou por transformações, rupturas e também manteve certos elementos ao longo de sua trajetória. Esses movimentos de

³ Aceitar essa premissa é essencial, pois o estudo de Maciel (2023) posiciona a pneumatologia - ou doutrina do Espírito Santo - como o tema central de sua tese de doutorado, onde analisa as convergências e divergências entre a pneumatologia pentecostal das Assembleias de Deus e a neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus. Em sua pesquisa, ele explora como esses dois segmentos divergem e se aproximam na compreensão do Espírito Santo (Maciel, 2023).

⁴ No caso de instituições, como a Igreja Universal do Reino de Deus, entendê-la como um sujeito histórico significa reconhecê-la como uma entidade que, ao longo de sua existência, toma decisões, adapta-se a contextos variados e assume posições que afetam e são afetadas por fatores sociais, culturais e econômicos.

adaptação refletem as influências e pressões internas e externas, bem como a necessidade de ressignificar suas práticas e crenças para dialogar com as novas demandas de seu público e contexto social.

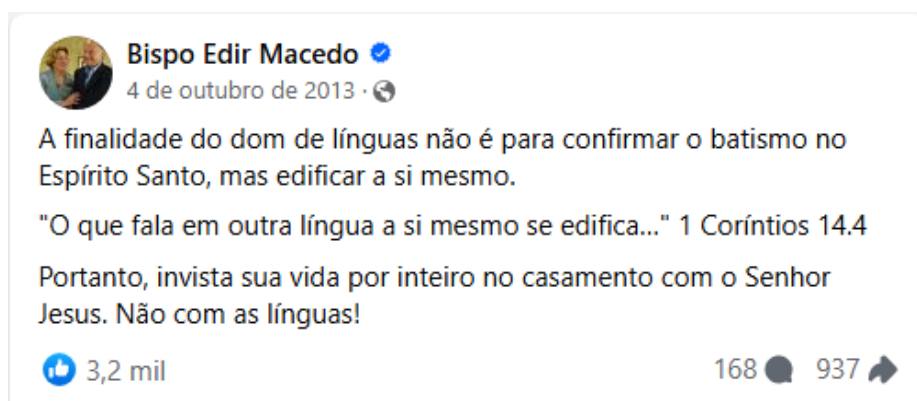
Numa obra nomeadamente dedicada ao tema, *O Espírito Santo*, de 2003, Macedo argumenta, desta vez, que o verdadeiro sinal do batismo com o Espírito Santo não reside apenas na capacidade de falar em línguas, mas sim na transformação interior evidenciada pelos “frutos do Espírito”. Ele apresenta uma distinção entre a glossolalia como um sinal externo e os frutos como a prova essencial de uma vida transformada. Segundo seu novo entendimento: “todos os que são batizados com o Espírito Santo falam línguas estranhas. Entretanto, nem todos os que falam línguas estranhas são batizados no Espírito Santo”. Essa afirmação ressalta que a glossolalia, embora significativa, não é uma prova suficiente do batismo com o Espírito (Macedo, 2003, p. 265).

Macedo reforça a ideia de que os “frutos da própria vida” revelam se uma pessoa foi verdadeiramente batizada no Espírito Santo. Ele critica aqueles que falam em línguas, mas não produzem frutos, afirmando que “não somente estão enganando os outros, como a si mesmos”, já que o Espírito Santo traria uma mudança profunda no comportamento e nas atitudes da pessoa. Essa mudança inclui pensamentos positivos, a ausência de “maldades, ciúmes doentios, desconfianças excessivas” e um desejo de “comunhão com os irmãos da fé e, sobretudo, com Deus”. Ou seja, seu posicionamento agora é de que o batismo se manifesta por meio de um novo caráter cristão (Macedo, 2003, p. 266-267).

Ao afirmar que “pelos frutos nós sabemos se a árvore é boa ou má”, Macedo orienta seus seguidores a buscarem não somente o “falar em línguas” como evidência real do batismo no Espírito Santo, mas os “frutos espirituais” (Macedo, 2003 p. 266). Essa interpretação traz uma perspectiva sobre o pentecostalismo que prioriza a transformação interior e o caráter cristão, tratando a glossolalia como um aspecto secundário quando comparado aos sinais de uma vida vivida em novidade espiritual.

Em outro exemplo, uma postagem publicada em sua página oficial no Facebook⁵ em 4 de outubro de 2013 (Figura 1), Macedo rejeita o uso especificamente desse dom espiritual como comprovação do batismo no Espírito Santo. Para ele, o ato de “falar em línguas” é uma prática que edifica o próprio indivíduo, mas que não deve se sobrepor à prioridade de uma vida comprometida com Jesus.

Figura 1 - Postagem de Edir Macedo sobre o “dom de línguas”



Entretanto, em época mais recente, constatamos que essa releitura também passou por uma modificação. Se no início de sua história como igreja pentecostal, a IURD pregava a glossolalia como evidência cabal do batismo no Espírito Santo e se, posteriormente, negou tal confirmação, afirmando que são os “frutos do Espírito” a verdadeira evidência, mais recentemente, a igreja parece ter caminhado para uma abordagem ainda mais subjetiva sobre o tema. Agora, a confirmação do batismo não exige uma manifestação específica ou um conjunto de características visíveis, ao contrário: reside em uma convicção íntima e pessoal de cada fiel.

No site oficial da instituição (universal.org), em um espaço dedicado às respostas do bispo às perguntas de seus fiéis, publicadas em 26 de setembro de 2015⁶, uma seguidora chamada Tayllyn pede ajuda a Edir Macedo por estar aflita com a falta de habilidade em “falar em línguas”. Embora se sinta batizada pelo Espírito Santo, foi orientada por um pastor de que o “dom de

⁵ Disponível em:

https://www.facebook.com/BispoMacedo/posts/10151648229145108/?locale=pt_BR. Acesso: 10 nov. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sedentos/>. Acesso: 10 nov. 2023.

línguas” seria a confirmação do batismo. Ela expressa desejo de obter esse “selo” e pede orientação. Macedo responde que o verdadeiro sinal do batismo no Espírito Santo não é falar em línguas, pois até os demônios podem imitá-lo e orienta Tayllyn a confiar apenas na confirmação interna do Espírito Santo e a ignorar pessoas que insistem na necessidade do “dom de línguas”:

Tayllyn, nem o pastor, nem os obreiros, nem os bispos, nem humano nenhum tem autoridade para dizer se você foi ou não selada com o Espírito Santo. Somente o Próprio Espírito confirma com o seu espírito se isso aconteceu ou não. As línguas estranhas NÃO SÃO sinais do batismo no Espírito Santo. Até porque os demônios também falam em línguas para confundirem os enganados. Alguns dos sinais do batismo no Espírito Santo são: certeza (convicção), paz interior, alegria... Cuidado! Não dê ouvidos aos homens, mas ao Espírito de Deus que confirma dentro de você (Universal.Org, 2015, destaques no original).

Em um artigo publicado no mesmo site, em 7 de agosto de 2018⁷, Macedo enfatiza que o propósito do batismo no Espírito Santo vai além de manifestações externas, como o “falar em línguas” ou os “dons do Espírito”. Ele afirma que o objetivo central desse batismo é “habilitar os servos de Deus a serem testemunhas da ressurreição do Filho de Deus neste mundo”. O foco do batismo é transformar e fortalecer o cristão internamente, de modo que sua vida e conduta revelem a fé e inspirem outros a reconhecer a obra de Cristo. Assim, ele orienta a ver o batismo no Espírito Santo mais como um compromisso com o evangelho e menos como uma experiência espiritual de sinais visíveis. E finaliza:

Além disso, num mundo podre e hipócrita, repleto de ofertas camufladas do inferno, como discernir o bem e o mal? Como saber quem é quem para namorar e casar, segundo a vontade de Deus? Em que área profissional serei mais útil no Reino de Deus? Qual igreja é de Deus? Como discernir o falso do verdadeiro homem de Deus, se todos falam ou pregam em Sua Palavra? Como separar o joio do trigo? Como reconhecer a voz de Deus e a do diabo? Essas e outras dúvidas são claramente eliminadas com o verdadeiro batismo com o Espírito Santo. Quem melhor do que Ele para guiar Seus filhos a toda a verdade? (Universal.Org, 2018).

⁷ Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/2o-dia-do-jejum-de-daniel-5/>. Acesso: 10 nov. 2023.

Em outro exemplo, um vídeo publicado em seu canal oficial no Youtube (@bispomacedo), com data de 29 de junho de 2020⁸, Macedo aborda, segundo ele, uma das questões mais intensas e frequentes recebidas em suas redes sociais: “a dúvida com respeito ao batismo com o Espírito Santo”⁹. Para esclarecer o assunto, o bispo recorre ao ensinamento do apóstolo Paulo, mencionando que o Espírito Santo é quem “testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus”, indicando que é o próprio Espírito quem dá ao fiel uma certeza interna dessa filiação. Assim, Macedo destaca que essa “confirmação” não está em uma manifestação física, mas em uma paz interior e alegria indescritível que só quem recebeu o Espírito pode experimentar: “O próprio Espírito Santo faz com que ela esteja absolutamente tranquila, em paz consigo mesma”. Dessa forma, ele orienta que o foco do fiel deve estar em uma experiência pessoal de tranquilidade e segurança.

O bispo finaliza, reafirmando que a presença do Espírito Santo elimina toda dúvida, e que “não há como ter dúvida quando ele está dentro. É impossível ser batizada com Espírito Santo e não ter certeza.” Quem possui essa conexão divina não sente necessidade de provar nada a ninguém, pois carrega uma certeza que é confirmada exclusivamente pelo Espírito. Essa experiência, segundo Macedo, é a “maior glória do ser humano” e representa o verdadeiro objetivo da fé.

Ao longo de sua trajetória, portanto, a IURD passou por significativas transformações em sua compreensão sobre o batismo com o Espírito Santo, revelando uma mudança gradual em sua pneumatologia. Ao longo de sua evolução teológica, a IURD passou a priorizar um relacionamento direto e subjetivo com o Espírito Santo, no qual o fiel busca dentro de si a certeza de sua fé. Tal metamorfose teológica pode ser interpretada como uma adaptação da IURD às transformações sociais e culturais, com foco em alcançar uma audiência mais ampla e atender às expectativas de uma sociedade cada vez mais individualista e subjetiva.

No início, a ênfase na glossolalia como evidência do batismo no Espírito Santo alinhava a IURD ao pentecostalismo clássico, onde manifestações

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>. Acesso: 4 de nov. 2023.

⁹ É de compreender a recorrência excessiva de dúvidas diante da frequente mudança de posicionamento institucional a respeito do tema.

visíveis e emocionais eram vistas como sinais legítimos da presença divina. Ao passar a valorizar os “frutos do Espírito” como sinal do batismo, a igreja parece buscar uma ênfase moral e comportamental, talvez para diferenciar-se de movimentos pentecostais tradicionais e oferecer um padrão de espiritualidade que privilegie a conduta prática no cotidiano, o que pode ressoar melhor com uma audiência urbana e moderna. Por fim, ao adotar uma abordagem mais subjetiva, onde a confirmação do batismo é uma convicção íntima, a IURD flexibiliza ainda mais essa experiência, permitindo que o fiel se reconheça como “batizado” sem precisar de sinais externos específicos.

Consequentemente, esse movimento seria uma inclinação ao pós-pentecostalismo? O deslocamento de sua teologia do pentecostalismo para um neopentecostalismo (próprio seu) seria o suficiente para corroborar as postulações de Siepierski (1997) que identificam a IURD como uma instituição pós-pentecostal? De acordo com Maciel (2023, p. 205), não:

No decorrer do tempo, a teologia apresentada por Edir Macedo vai se deslocando de um pentecostalismo, agregando práticas do neopentecostalismo. Contudo, ainda existe dentro da IURD o anúncio do batismo com o Espírito Santo e a realidade dos dons espirituais, marcas evidentes dentro do pentecostalismo.

O pentecostalismo original enfatiza experiências místicas e uma ligação intensa com o sagrado, fundamentando-se na ideia de que o Espírito Santo atua diretamente na vida dos fiéis, concedendo-lhes dons como a profecia, a cura e, especialmente, a glossolalia. No contexto da IURD, ainda que outros aspectos teológicos tenham se reformulado ao longo do tempo, esse vínculo com o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais representa uma *continuidade*. A glossolalia, em específico, ainda praticada nos templos, conecta a igreja a uma tradição mais ampla que remonta ao início do pentecostalismo em 1906, no Avivamento da Rua Azusa, e até antes, reforçando a espiritualidade experiencial que caracteriza o movimento.

No entanto, é fato também que, ao longo do tempo, a IURD passou por uma transformação teológica significativa sob a liderança de Edir Macedo. Essa transformação levou a instituição a incorporar práticas pentecostais próprias, que são geralmente menos centradas nos dons espirituais tradicionais e mais orientadas para uma teologia voltada ao sucesso pessoal e

prosperidade. Nesse sentido, Siepierski (1997) identifica algumas características dessa configuração teológica. Maciel (2023) sintetiza-as de forma sistemática, organizando-as em tópicos, o que facilita sua exposição e análise. Entre essas características, destacam-se:

Centralidade na teologia da prosperidade; ênfase na guerra espiritual; hostilidade para com as religiões afro-brasileiras; distanciamento do pentecostalismo clássico em elementos como cristocentralidade, biblicismo e união da fé com ética; escatologia realizada em um reino presente aqui e agora; batismo com o espírito santo unicamente para transpor os obstáculos à prosperidade; demonstração de fé por meio dos dízimos e ofertas; e os demônios são os verdadeiros causadores de todos os males (Maciel, 2023, p. 204).

Essa coexistência de traços pentecostais e pós-pentecostais cria uma ambiguidade teológica dentro da IURD. Por um lado, a igreja continua a valorizar a experiência espiritual ligada ao batismo com o Espírito Santo; por outro, através das pregações e doutrinas de Macedo, ela reinterpreta e até descaracteriza alguns aspectos tradicionais desse batismo e dos dons espirituais: “Assim, ao mesmo tempo que a IURD apresenta marcas de um pentecostalismo também traz características do pós-pentecostalismo de Siepierski” (Maciel, 2023, p. 205).

Desse modo, a IURD se posiciona como uma espécie de ponte entre o pentecostalismo, com sua ênfase na experiência sobrenatural e no batismo com o Espírito Santo, e uma nova abordagem, mais pragmática e voltada para o indivíduo, que encontra expressão na chamada teologia *coaching*.

Segundo Stern e Guerriero (2020, p. 542), são oito as características centrais do *coaching*:

A crença de que algo poderoso está adormecido dentro de cada pessoa; a crença de que esse poder pode ser liberado; a crença de que todos podem usar esse poder para atingir bens materiais; ritualista centrada no indivíduo; autoconfiança; líderes autoproclamados; transformação através de experiências emocionais intensas; e comercialização.

Na teologia *coaching*, esses princípios, além de valores universais, são considerados ferramentas espirituais para o alcance da prosperidade e da realização pessoal, tornando-se, assim, o eixo de pregações e ensinamentos

nessas novas igrejas. Essa abordagem reflete uma mudança paradigmática no modo como o cristianismo é interpretado e praticado por esses grupos. Ao invés de se concentrar apenas nos aspectos tradicionais da fé cristã, como a salvação ou a vida após a morte, a teologia coaching redefine o cristianismo como um meio para alcançar a prosperidade material e emocional no presente, enfatizando a importância do empoderamento do indivíduo. O uso da Bíblia e da fé é reinterpretado à luz dessas ferramentas práticas de sucesso, “a mensagem é para aqui e para agora, num esforço de acalantar e motivar o receptor. A inspiração é divina, mas o resultado não é celestial” (Bezerra, 2023, p. 9).

Acerca da teologia coaching, Maciel (2023, p. 205-206) nos diz que:

O batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais e as línguas estranhas, marcas distintivas no pentecostalismo e em alguns movimentos neopentecostais, não são mais evidenciados. Além disso, a “centralidade na teologia da prosperidade”, o “distanciamento do pentecostalismo clássico em elementos como cristocentralidade, biblicismo e união da fé com ética” e a “escatologia realizada em um reino presente aqui e agora”, apontados por Siepierski, são evidentes em algumas denominações atuais. Estas três características permanecerão como base à teologia surgida na virada do milênio, a teologia *coaching*.

Essa transição, que desafia categorias rígidas, sugere que a IURD atua como um movimento de transformação dentro do campo religioso brasileiro, antecipando a prática de um evangelho funcional e adaptável. É nesse sentido que ela se apresenta como neopentecostal.

Considerações finais

A análise da trajetória teológica da IURD em relação ao batismo com o Espírito Santo permite identificar um processo de transformação teológica que a afasta dos pressupostos clássicos do pentecostalismo. A mudança de ênfase da glossolalia como evidência do batismo para a valorização dos frutos do Espírito e, posteriormente, para uma confirmação estritamente subjetiva, reflete um deslocamento que é, ao mesmo tempo, doutrinário e experiencial. Essa transformação pode ser interpretada como parte do fenômeno do pós-pentecostalismo, tal como definido por Siepierski (1997), caracterizado pela

absorção de elementos da religiosidade popular, pela centralidade da teologia da prosperidade e pela construção de um *ethos* religioso funcionalista.

Contudo, conforme argumenta Maciel (2023), a permanência de certos elementos pentecostais, como a pneumatologia e a prática da glossolalia nos cultos, desafia a classificação da IURD como inteiramente pós-pentecostal. O que se evidencia, portanto, é uma tensão entre continuidade e ruptura, na qual a IURD atua como ponte entre o pentecostalismo tradicional e uma nova religiosidade orientada ao sucesso, ao desempenho e à eficácia individual. Tal ambiguidade contribui para a emergência da teologia coaching, cuja origem pode ser traçada à teologia da prosperidade formulada por Edir Macedo e que encontra ressonância em uma sociedade marcada pela subjetividade, pela busca de resultados e pelo consumo simbólico do sagrado.

O caso da IURD, tratada enquanto sujeito que influencia e é influenciado pela História, evidencia que as categorias analíticas tradicionais – como pentecostalismo, neopentecostalismo e pós-pentecostalismo –, embora úteis, mostram-se insuficientes quando confrontadas com dinâmicas institucionais marcadas por adaptações contínuas e reinterpretações internas. Sua trajetória pneumatológica demonstra, na esteira de um deslocamento teológico consciente, uma estratégia de ressignificação da experiência religiosa em diálogo com as demandas contemporâneas. Portanto, mais do que enquadrar a IURD em uma tipologia fixa, o estudo aponta para a necessidade de compreendê-la como um agente ativo na produção de novas formas de religiosidade, nas quais tradição e inovação coexistem de maneira tensionada e funcional.

Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada no Brasil*. 2ª Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BEZERRA, Antoniêta Fernanda Mesquita. Imaginário utópico na Teologia Coaching: uma breve análise da Cultura da Inspiração no discurso de Deive Leonardo. In: *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - PUC-Minas - 2023.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias*: deuses ou demônios. Rio de Janeiro: Universal, 1980.

MACEDO, Edir. *Nos Passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 1986.

MACEDO, Edir. *O Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2003.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil*: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACIEL, Moisés Brasil. *Pneumatologia do (neo)pentecostalismo brasileiro*: convergências, divergências e a proposta de um pós-pentecostalismo. Tese de Doutorado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2023.

PASSOS, Mauro; ROCHA, Daniel. Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. *Revista Angelus Novus*, n. 3, p. 261-290, 2012.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

STERN, Fábio L; GUERRIERO, Silas. O ethos da nova era nas religiões tradicionais: o caso do coaching evangélico. In: *ANAIS do X Congresso internacional em Ciências da Religião*: Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 21 a 23 de outubro de 2020.

Trabalho submetido em 02/09/2025.

Aceito em 26/06/2026.

Lucivaldo Ferreira Matos

Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com pesquisas voltadas às religiões no Brasil contemporâneo, especialmente ao pentecostalismo e suas interações com a cultura brasileira. Professor de História com ampla experiência na educação básica e no ensino pré-vestibular, atuando desde 2014 em escolas públicas e privadas do Ceará. Possui licenciatura em História pela UECE e quatro especializações nas áreas de Ciências Humanas, Ensino Superior, História Afro-Brasileira e Metodologia do Ensino. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1060-3908>. E-mail: professorvaldomatos@gmail.com